



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17658 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GE Corpo e Educação

O corpo é o campo

Virna da Silva Bemvenuto - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Adrienne Ogeda Guedes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### O CORPO É O CAMPO

Este trabalho nasce de uma pesquisa de mestrado vivida em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública brasileira e defendida em junho de 2024. Uma pesquisa experimentada nas interfaces entre os campos da educação e da arte, elaborada com metodologia cartográfica (Rolnik, 2016) que acompanhou processos de criação e de formação, traçando mapas das intensidades vivenciadas desde o corpo na escola, habitando e compondo, necessariamente, um território existencial (Alvarez; Passos, 2020).

Desta maneira, a dissertação teve “o corpo [como] núcleo que dá o tom de sua pulsação, faz e refaz de forma inacabada os contornos e conflitos dessa travessia. O corpo [como] o próprio chão, montagem e montaria da educação” (Rufino, 2023, p. 15). Nesta trilha, o presente resumo, escrito pela pesquisadora mestranda (à época) e por sua orientadora, tem como objetivo, então, apresentar a investigação em tela, explicitando o processo de descoberta de que o corpo seria o próprio campo de estudos da pesquisa.

Em seu processo de criação, a pesquisa teve como disparador uma imagem conceitual que atravessou o corpo da mestranda: a ruína - nomeada poeticamente de Pedaco de Escola. Paisagem materializada em uma das escolas públicas onde a artista-professora atuou durante o mestrado, que convidou a pensar com as deformações: quando um sistema fraturado pelas precarizações tanto se evidencia, que outras formações são possíveis a partir das deformações enunciadas?

A partir da elaboração de proposições poeticopedagógicas experimentadas nas aulas de artes visuais, a pesquisa buscou provocar modos sensíveis de perceber e habitar como um

caminho para fazer da escola, desde o corpo, um lugar de criação. Como forma de enfrentar a captura neoliberal, a pesquisa revelou e afirmou o corpo como criador, que aprende enquanto cria e cria enquanto aprende. Tais práticas, para confrontarem as ruínas que figuram o contexto escolar, se fundaram na abertura ao pensamento poético como possibilidade de potencializar o corpo criador à “[...] recobrar, ainda que ínfima e temporariamente, a própria vitalidade” (Patzdorf, 2021, p. 2), a possibilidade do sonho, a imaginação como força poética e política.

Uma pesquisa com a escola, elaborada no corpo pelos emaranhados de carne, osso, pele, palavra, crianças, cadeiras, mesas, papéis, canetas, lápis, livros, fragmentos de cotidianos no embate corpo-matéria: o corpo de artista-pesquisadora-professora que, frente aos diferentes fluxos, procurou pensar a pesquisa junto ao cotidiano de professora, que encontrou no próprio corpo e nos processos artísticos que a potencializaram a possibilidade de convocar o desejo de criação nos estudantes. Junto aos desejos, questões se apresentavam: como escrever uma pesquisa enquanto ela acontece? Mas, o que nos acontece antes e durante, das palavras desabarem do corpo, penetrarem a pele-papel?

Por vezes, pode parecer que não está acontecendo, justamente porque acontece onde menos se espera. No percurso do trem, no ônibus cheio, de pé, na marmita apressada, na bolsa cheia de livros, lápis, listas, canetas, cartas, cadernos, pedaços de escola e as coisas todas que carregamos e que também nos lembram quem (não) somos. Foi preciso, então, que a pesquisadora confiasse na escrita que acontecia no corpo, invisível a olho nu, mas inscrita pela pele, pelo suor do corpo, pela musculatura que contrai drasticamente para depois expandir-se dolorosamente e deparar-se com a pele.

Diante disso, foi pela ação performativa de carregar a ruína - o Pedaco de Escola - com pés firmes e ágeis, do Pantanal a Gramacho, à Central do Brasil, à Santa Teresa, tomado pela súbita sensação de estar alargando a escola, esticando-a para além de si mesma, para além do território conflagrado pela violência na qual a escola se localizava, que o corpo da pesquisadora se desvelou como campo de estudos da pesquisa.

Um corpo pode ser tanta coisa invisível e variável, que se faz ao mesmo tempo que se destitui de si: cai uma unha, uma lágrima, um fio de cabelo, um cílio, uma intenção, uma saudade, um cansaço, uma espera. E aquele Pedaco de Escola, que já não se sabia se havia sido desabado do corpo ou de outra estrutura, se tornara-se um órgão ou apêndice. Mas aquela relação revelava que a fricção com a matéria que, com sua forma, peso, volume e textura em contato com o suor, deu a ver um corpo como território existencial que conjuga as inúmeras travessias.

O processo investigativo expôs que: em uma pesquisa onde o campo é o corpo, desde o corpo o campo se faz. Campo expandido no corpo, corpo expandido no campo que convoca a perceber, que escapa à intensidade dos dias, que borra os contornos que tentam “polir todos esses fragmentos de experiências ingovernáveis, [...] transformá-los em dados por fim

suficientemente essencializados e desencarnados para poderem ser manipulados e relacionados entre si [...]” (Martin, 2021, p. 99). Para tanto, foi preciso encontrar um modo de escrever que visibilizasse a singularidade do corpo de quem pesquisa.

Foi, então, nos processos artísticos da pesquisa, junto ao encontro com a escrita da antropóloga Nastassja Martin (2021) - que escreve no limiar entre a reflexão antropológica e o relato pessoal diante da difícil necessidade de sobreviver em um corpo arruinado pelo encontro com um urso em seu campo de pesquisa -, que a pesquisadora forjou uma escrita implicada no corpo compreendendo-o como lugar de elaboração e materialização do pensamento: penso que um corpo atravessado no campo de pesquisa jamais será o mesmo e, então, será preciso inventar um jeito outro de contar, que afirme a abertura aos processos de subjetivação produzidos pelos acontecimentos que mobilizam a própria pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa assumiu sua poética, que dá corpo à palavra e também ficcionaliza o próprio corpo, compreendendo com ele que a experiência é o jorro inevitável.

Como desfecho, a investigação deu a ver que é preciso considerar que pesquisar com o corpo pode ser cartografar tremores, habitar o pensamento, olhar para os fragmentos de si como pistas das inscrições do desejo, movimentos germinais de lançar-se para fora e tão dentro do mundo, deslocando-se do figurado ao figurante: o processo, a questão em ato, ainda aberta ao que poderia vir a ser visível (Didi-Huberman, 2020) nesse corpo enquanto matéria. A cartografia como escolha metodológica possibilitou acompanhar os processos, se movendo com as imprevisibilidades e os encontros de percurso, com produção artística que operou como invenção de uma língua que se dá desde o corpo, na desterritorialização de uma identidade docente fixada para a invenção de um modo artista de ser professora, no exercício constante de “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016, p. 23) diante das circunstâncias sociais que interpelam o que chamamos corpo.

**Palavras-chave:** corpo; processos de criação; educação; formação docente; arte contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, S. Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

ALVAREZ J.; PASSOS. E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020

ANTÔNIO, S. Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. Diante da imagem. São Paulo: Editora 34, 2020

MARTIN, N. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2021.

PATZDORF, D. *Artista-educa-dor*: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*. Florianópolis, v.1, n.40, p.1-28, mar./abr. 2021.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental*: transformações contemporâneas do desejo, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016

RUFINO, L. *Ponta-cabeça*: educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.